



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Conceição Freitas

13-06-08

CARÍSSIMO DR. LUCIO COSTA,

Chamo-lhe assim, de doutor, porque não saberia lhe chamar de outro jeito, tamanha a admiração que sinto pelo senhor. Sou muito sem graça quando encontro gente que admiro muito — um escritor, um artista, por exemplo. Fico paralisada e não sou capaz de balbuciar mais de uma frase trôpega e certamente sem sentido.

Também fico pensando que pessoas muito admiráveis são o tempo todo invadidas em sua privacidade admirável. Então, fico a distância.

Estive com o senhor uma única vez, final dos anos 1980, aqui em Brasília. Eu havia acabado de chegar de Goiânia, tinha sido informada, por dever de ofício, que o senhor era o autor do projeto do Plano Piloto, mas naquela época eu não compreendia o alcance do seu feito. Fiz uma entrevista com o senhor, muita rápida, com alguns coleguinhas de outros jornais. O senhor falou muito pouco, parecia não estar gostando muito de ser encantado pelos repórteres que se atropelavam em perguntas desencontradas, como sói acontecer nessas ocasiões.

O vi mais uma vez e dessa tenho

daqueles orgulhos que guardo para contar aos netos. Foi no Moinho, um bar famoso da 114 Sul dos anos 80. Era mês de frio, uma sexta-feira de junho/junho, o senhor estava com a sua filha mais velha, Maria Elisa, e com o Haroldo Pinheiro, o do IAB. Estava de terno cinza, camisa branca, gravata preta e uma suéter sobre os ombros. (Fotos dessa noite estão no *Registro de uma Vivência*. Aliás, doutor Lucio, o senhor aí de onde está deve entender a razão pela qual nenhuma editora se dispôs a reeditar a sua encantadora autobiografia).

O Moinho estava lotado. Alguém reconheceu o senhor e o bochicho correu de mesa em mesa até que uma onda de aplausos sobrevoou todo o bar. Então, o senhor se levantou e devolveu

os aplausos, rindo como uma criança no parabéns pra você. Maria Elisa disse certa vez que seguramente o senhor deve ter sido a única pessoa no planeta a inventar uma cidade e a tomar vinho no invento. E, nós, os que o destino elegu para ali estar naquele dia, fomos as únicas pessoas do planeta a tomar vinho ao lado do homem que inventou a cidade onde a gente mora.

O pior fica para o final, doutor Lucio. O senhor já percebeu que Brasília está condenada a ser engolida pela ganância imobiliária, pela omissão do Estado, pelo desinteresse dos cidadãos em preservar a jóia modernista que a Unesco reconhece como patrimônio da humanidade, mas não faz mais que isso? Com todas as falhas do projeto e da execução mesma dele, Brasília é a

escritura em concreto de um tempo histórico onde os homens acreditavam que era possível melhorar o mundo. E arriscavam seus destinos por essa crença. Brasília é a foto em três dimensões de um período em que os brasileiros se orgulhavam de si mesmos. E sorriam para o futuro.

Só por isso, os brasileiros deveriam cuidar bem dela como os gregos cuidam da Acrópole, os franceses de Versalhes, os indianos de Taj Mahal, os ingleses, do Palácio de Buckingham, os egípcios, das pirâmides. Nosso monumento é esparramado sobre a terra vermelha, mas é tão significativo como símbolo de uma era na história da humanidade quanto os demais, com a diferença que é uma cidade inteira. Por que é tão difícil ver isso, doutor Lucio?